

**Finifundo Moderado - Fundo de Investimento
Mobiliário Aberto de Fundos Misto**

Relatório de auditoria elaborado por auditor registado na CMVM
sobre informação semestral

30 de Junho de 2010

Ernst & Young Audit & Associados - SROC, S.A.

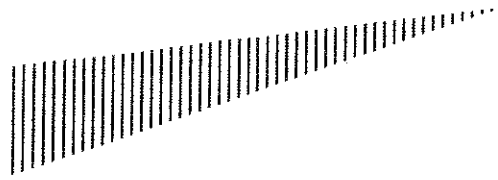
Relatório de auditoria elaborado por auditor registado na CMVM sobre informação semestral

Introdução

1. Nos termos do disposto na alínea c) do n.º 1 do artigo 8.º do Código dos Valores Mobiliários (CVM) e do n.º 1 do artigo 43.º e do n.º 2 do artigo 67.º do Decreto-Lei n.º 252/03, de 17 de Outubro, apresentamos o nosso Relatório de Auditoria sobre a informação financeira do período findo em 30 de Junho de 2010, do Fundo de Investimento Mobiliário Finifundo Moderado - Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Misto gerido pela entidade gestora Finivalor - Sociedade Gestora de Fundos Mobiliários, S.A., incluída no Relatório de Gestão, no Balanço (que evidencia um total de 9.472.946 euros e um total de capital do fundo de 9.460.066 euros, incluindo um resultado líquido negativo de 121.312 euros), na Demonstração dos Resultados e na Demonstração dos Fluxos de Caixa do período findo naquela data, e no correspondente Anexo.

Responsabilidades

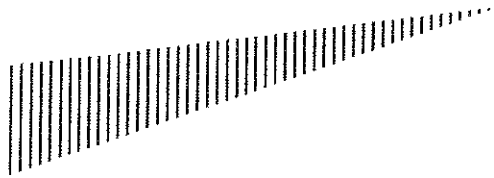
2. É da responsabilidade do Conselho de Administração da entidade gestora Finivalor - Sociedade Gestora de Fundos Mobiliários, S.A.:
 - a) A preparação das demonstrações financeiras que apresentem de forma verdadeira e apropriada a posição financeira do fundo, o resultado das suas operações e os fluxos de caixa;
 - b) a informação financeira histórica, que seja preparada de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites e que seja completa, verdadeira, actual, clara, objectiva e lícita, conforme exigido pelo Código dos Valores Mobiliários;
 - c) a adopção de políticas e critérios contabilísticos adequados, atentas as especificidades dos Fundos de Investimento Mobiliário;
 - d) a manutenção de um sistema de controlo interno apropriado; e
 - e) a informação de qualquer facto relevante que tenha influenciado a sua actividade, posição financeira ou resultados.



3. A nossa responsabilidade consiste em verificar a informação financeira contida nos documentos de prestação de contas acima referidos, designadamente sobre se é completa, verdadeira, actual, clara, objectiva, lícita, conforme exigido pelo Código dos Valores Mobiliários, competindo-nos emitir um relatório profissional e independente baseado no nosso trabalho.

Âmbito

4. O exame a que procedemos foi efectuado de acordo com as Normas Técnicas e as Directrizes de Revisão/Auditoria da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, as quais exigem que o mesmo seja planeado e executado com o objectivo de obter um grau de segurança aceitável sobre se as demonstrações financeiras estão isentas de distorções materialmente relevantes. Para tanto o referido exame incluiu:
 - a) a verificação, numa base de amostragem, do suporte das quantias e divulgações constantes das demonstrações financeiras e a avaliação das estimativas, baseadas em juízos e critérios definidos pelo Conselho de Administração, utilizadas na sua preparação;
 - b) a verificação do adequado cumprimento do Regulamento de Gestão do fundo;
 - c) a verificação da adequada avaliação dos valores do fundo (em especial no que se refere a valores não cotados em mercado regulamentado e a derivados negociados fora de mercado regulamentado);
 - d) a verificação do cumprimento dos critérios de avaliação definidos nos documentos constitutivos;
 - e) a verificação da realização das operações sobre valores cotados, mas realizados fora de mercado nos termos e condições previstas na lei e respectiva regulamentação;
 - f) a verificação do registo e controlo dos movimentos de subscrição e resgate das unidades de participação do fundo;
 - g) a verificação da aplicabilidade do princípio da continuidade;
 - h) a apreciação sobre se é adequada, em termos globais, a apresentação das demonstrações financeiras; e
 - i) a apreciação sobre se a informação financeira é completa, verdadeira, actual, clara, objectiva e lícita.
5. O nosso exame abrangeu ainda a verificação da concordância da informação financeira constante do relatório de gestão com os restantes documentos de prestação de contas.



6. Entendemos que o exame efectuado proporciona uma base aceitável para a expressão da nossa opinião.

Opinião

7. Em nossa opinião, as demonstrações financeiras referidas no parágrafo 1 acima apresentam de forma verdadeira e apropriada, em todos os aspectos materialmente relevantes, a posição financeira do Finifundo Moderado - Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Misto, gerido pela entidade gestora Finivalor - Sociedade Gestora de Fundos Mobiliários, S.A., em 30 de Junho de 2010, o resultado das suas operações e os fluxos de caixa do período findo naquela data, em conformidade com os princípios contabilísticos geralmente aceites em Portugal para os fundos de investimento mobiliário e a informação nelas constante é completa, verdadeira, actual, clara, objectiva e lícita.

Lisboa, 31 de Julho de 2010

Ernst & Young Audit e Associados - SROC, S.A
Sociedade de Revisores Oficiais de Contas, N^o 178
Representada por

Ana Rosa Ribeiro Salcedas Montes Pinto (ROC n^o 1230)

FINIFUNDO MODERADO

Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Mistos

RELATÓRIO DE GESTÃO

1º Semestre 2010

1- Envolvente Macroeconómica

A economia mundial entrou em 2010 ainda a recuperar da crise financeira e económica de 2008 e 2009, beneficiando dos estímulos de política fiscal e monetária expansionista e de um ciclo de existências prolongado, mas com as condições climatéricas particularmente adversas nos dois primeiros meses do ano a moderarem os níveis de crescimento, nos dois lados do Atlântico. A inflação aumentou a nível mundial, reflectindo a subida dos preços das matérias-primas, mas as pressões inflacionistas permaneceram contidas e as expectativas de inflação futura bem ancoradas, em linha com a ainda baixa utilização da capacidade produtiva instalada e com a reduzida capacidade de fixação de preços por parte das empresas.

Previsões Económicas (taxas de variação, em %)

	PIB real			Saldo Orçamental			Inflação*			Desemprego		
	2009	2010	2011	2009	2010	2011	2009	2010	2011	2009	2010	2011
Mundo	-0,9	4,0	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China	8,7	10,3	9,4	-	-	-	0,7	3,9	4,9	-	-	-
EUA	-2,4	2,8	2,5	-11,0	-10,0	-9,9	-0,4	1,7	0,3	9,3	9,7	9,8
Japão	-5,2	2,1	1,5	-6,9	-6,7	-6,6	-1,4	-0,5	-0,4	5,1	5,3	5,3
União Europeia	-4,2	1,0	1,7	-6,8	-7,2	-6,5	1,0	1,8	1,7	8,9	9,8	9,7
Área Euro	-4,1	0,9	1,5	-6,3	-6,6	-6,1	0,3	1,5	1,7	9,4	10,3	10,4
Alemanha	-5,0	1,2	1,6	-3,3	-5,0	-4,7	0,2	1,3	1,5	7,5	7,8	7,8
França	-2,2	1,3	1,5	-7,5	-8,0	-7,4	0,1	1,4	1,6	9,5	10,2	10,1
Espanha	-3,6	-0,4	0,8	-11,2	-9,8	-8,8	-0,3	1,6	1,6	18,0	19,7	19,8
Portugal	-2,7	0,5	0,7	-9,4	-8,5	-7,9	-0,9	1,0	1,4	9,6	9,9	9,9
Grécia	-2,0	-3,0	-0,5	-13,6	-9,3	-9,9	1,3	3,1	2,1	9,5	11,8	13,2
Reino Unido	-4,9	1,2	2,1	-11,5	-12,0	-10,0	2,2	2,4	1,4	7,6	7,8	7,4

* Variação do IHPC (ou do índice nacional, quando não disponível)

Fonte: CE, Previsões da Primavera de 2010

A expansão da actividade económica no primeiro semestre foi acompanhada pela recuperação das trocas internacionais, situação que colocou a indústria transformadora no epicentro do crescimento económico, sustentada pelo aumento significativo das encomendas. O maior dinamismo económico permitiu a melhoria dos indicadores de emprego, a nível global, com algumas economias a conseguirem mesmo voltar a criar empregos. Neste particular, destaque para os Estados Unidos da América (EUA) e para a Alemanha.

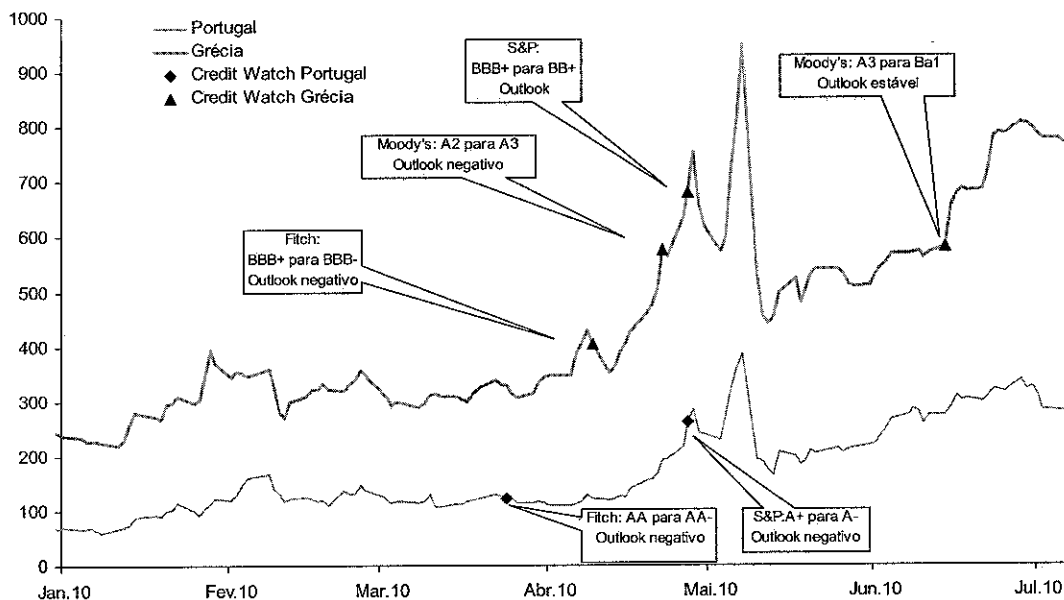


Enquanto que o primeiro país conseguiu voltar a criar empregos, após dois anos de perdas acumuladas de quase 8,5 milhões de postos de trabalho, a Alemanha evidenciou-se como a exceção comparativamente às dificuldades sentidas pela generalidade dos países europeus, passando praticamente incólume em todo o período recessivo.

A adoção discricionária de políticas orçamentais expansionistas e os custos de estabilização do sistema financeiro conspiraram, no biénio de 2008 e 2009, com o funcionamento dos estabilizadores automáticos e com a quebra de receitas fiscais para agravar as posições orçamentais da generalidade dos países desenvolvidos.

Na zona euro, o défice orçamental deverá ter excedido os 6% do PIB em 2009, subindo para 6,6% em 2010. No entanto, estes são valores médios que disfarçam as diferentes realidades no seio da moeda única. Os défices de execução orçamental de países como a Grécia e a Espanha ultrapassaram claramente a marca dos 10% do PIB, valores bem distantes do défice apresentado pela Alemanha (3,3% do PIB).

Prémios de risco face à Alemanha (em pontos base)



Portugal não foi dos piores, mas os níveis de défice e de dívida pública foram suficientes para manter as atenções das agências de "rating" e dos investidores internacionais, com estes a analisarem os dados das finanças públicas à luz do elevado endividamento externo da economia portuguesa (endividamento externo bruto de 232% do PIB, em 2009).

Deste modo, a dívida pública da República de Portugal, tal como a dívida pública de outros países apanhados pela turbulência associada à crise grega (da zona euro, mas não só), passou a ser encarada como se de um activo tóxico se tratasse, com o correspondente aumento dos custos de financiamento e, mais grave, com dificuldades de financiamento e o potencial de gerar faltas de tesouraria ao próprio Estado. Esta situação assumiu contornos extremos no dia 6 de Maio, após uma quebra de cotações do índice norte-americano Dow Jones Industrial Average ter feito disparar os níveis de aversão ao risco.

Com o fantasma da crise da Grécia a pairar no ar, Governos nacionais, autoridades monetárias e Banco Central Europeu (BCE) viram-se na contingência de apresentar em tempo recorde medidas que permitissem o retorno da confiança na dívida soberana emitida em euros, uma vez que a falência ou a renegociação da dívida de um dos países colocaria em perigo o próprio projecto da moeda única.

2- Política Monetária

No decurso do primeiro semestre de 2010, as autoridades monetárias dos países desenvolvidos de referência mantiveram inalteradas as suas taxas de intervenção, em alguns casos em mínimos históricos, procedendo no entanto ao gradual levantamento das medidas de excepção tomadas em plena crise financeira, designadamente reduzindo os prazos das operações de cedência de liquidez e procedendo a alterações nos colaterais aceites.

Neste contexto, a taxa de juro aplicável às operações principais de refinanciamento do eurosistema permaneceu nos mínimos históricos de 1,0%, com o BCE a defender como adequado o actual nível de taxas de intervenção. No entanto, a emergência de disfuncionalidades no mercado interbancário e os distúrbios em alguns segmentos do mercado de títulos de dívida, agravadas após a inexplicada queda do índice Dow Jones de 6 de Maio, obrigaram o BCE a nova tomada de medidas de excepção.

A medida que teve maior impacto nos mercados foi a adopção do “Programa dos Mercados de Títulos de Dívida” (SMP, do inglês), a qual prevê a compra de títulos de dívida dos segmentos sob pressão como forma de estabilizar o mercado e permitir a transmissão da política monetária. O SMP difere de outros programas de compra de títulos, tais como os adoptados pelo Banco de Inglaterra (BoE) e pela Reserva Federal norte-americana em 2009, na medida em que o SMP é neutro no que diz respeito à oferta de moeda e à direcção da política monetária, enquanto os últimos foram desenhados como medidas expansionistas para impulsionar a oferta de moeda.

As economias emergentes, que sentiram a crise de forma diferenciada, continuaram o processo de alívio da política monetária ao longo do ano.

A Rússia e a Hungria são disso exemplos, tendo cortado as suas taxas por quatro vezes e num total acumulado de 1 ponto percentual para 7,75% e 5,25%, respectivamente. Por oposição, os países cujas economias estão mais orientadas para a exportação de matérias-primas iniciaram ou prosseguiram o ciclo de remoção das condições acomodáticas, em função da subida do preço das matérias-primas nos mercados internacionais. Canadá, Noruega, Austrália e Nova Zelândia são alguns dos exemplos a apontar.

3- Mercados Financeiros

No primeiro semestre de 2010 escreveu-se mais um capítulo da crise financeira internacional, com os investidores a mostrarem um crescente desconforto quanto à deterioração das finanças públicas de vários países, desgastadas pelos esforços financeiros envidados para estabilizar o sistema financeiro e estimular a actividade económica (componente discricionária) e pela quebra de receitas fiscais decorrentes da diminuição da actividade económica (componente cíclica). A deterioração das contas públicas colocou vários países sob o escrutínio apertado das agências de “rating”, num processo iniciado em 2009 mas que se intensificou em 2010 e que resultou em descidas na notação de risco da dívida pública nos países com posições orçamentais mais fragilizadas.

Desta feita, o que está em causa já não é determinado sector ou empresa, mas sim a capacidade dos países para cumprirem os seus compromissos financeiros. Esta mudança de atitude face à dívida soberana, ocorreu no seguimento da crise grega, afectando essencialmente países periféricos da zona euro, como Portugal, Irlanda e Espanha, e rapidamente atingiu proporções que resultaram em distúrbios ou mesmo em disfuncionabilidade de determinados segmentos do mercado – as instituições financeiras dos países sob pressão deixaram de se conseguir financiar no mercado monetário interbancário.

Como consequência, os níveis de aversão ao risco voltaram a aumentar, intensificando-se o movimento de procura de segurança e de qualidade, o que acabou por se reflectir no alargamento dos prémios de risco face aos países de refúgio, onde se contam os EUA e a Alemanha, bem como na desvalorização de todos os activos com risco percepcionado, de que as acções são o exemplo por excelência.

Os investidores internacionais passaram a encarar como “tóxica” a dívida soberana dos referidos países da periferia da zona euro, o que não só resultou numa imensa pressão vendedora da mesma como acentuou a tendência de depreciação do próprio euro.

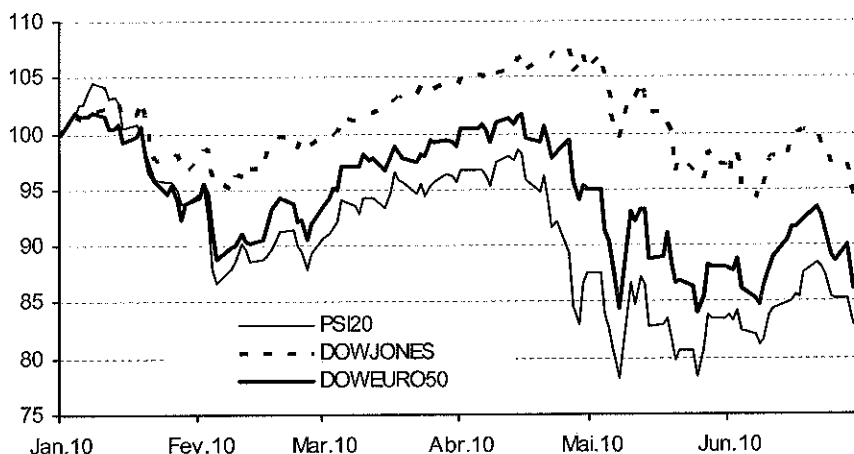
Mercado accionista

FINIFUNDO MODERADO - FINIVALOR, SGFM, SA

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'A. Costa', with a small number '4' written below it.

Este quadro foi assim propício à queda das principais praças mundiais, com a generalidade dos índices de referência a acumularem desvalorizações, significativas no caso particular dos países do Sul da Europa.

Evolução de alguns índices bolsistas seleccionados



Base 100 = 31 Dez. 2009

Fonte: Reuters EcoWin

Os mínimos foram atingidos à medida que o semestre caminhava para o fim, com as preocupações quanto à sustentabilidade da recuperação dos EUA a elevarem os níveis de incerteza, espelhada na evolução errática dos índices bolsitas e na subida dos indicadores de volatilidade para o nível mais elevado desde os primeiros meses de 2009.

Evolução de alguns índices de referência

	2009		2010		Mínimo do semestre			Máximo do semestre		
	31-Dez	30-Jun	Varição*	valor	Varição*	data	valor	Varição*	data	
EUA										
Dow Jones	10 428,1	9 774,0	-6,3	9 774,0	-6,3	30-Jun	11 205,0	7,5	26-Abr	
Nasdaq	2 269,2	2 109,2	-7,0	2 109,2	-7,0	30-Jun	2 530,2	11,5	23-Abr	
Zona euro										
IBEX35	11 940,0	9 263,4	-22,4	8 669,8	-27,4	08-Jun	12 222,5	2,4	06-Jan	
DAX30	5 957,4	5 965,5	0,1	5 434,3	-8,8	05-Fev	6 332,1	6,3	26-Abr	
PSI20	8 463,9	7 065,7	-16,5	6 624,3	-21,7	07-Mai	8 839,8	4,4	08-Jan	
CAC40	3 936,3	3 442,9	-12,5	3 331,3	-15,4	25-Mai	4 065,7	3,3	15-Abr	
MIB30	23 248,4	19 311,8	-16,9	18 382,7	-20,9	25-Mai	23 811,1	2,4	08-Jan	
STOXX50	2 965,0	2 573,3	-13,2	2 488,5	-16,1	25-Mai	3 017,9	1,8	08-Jan	
Emergentes										
RTS (\$)	1 444,6	1 339,4	-7,3	1 226,6	-15,1	25-Mai	1 676,3	16,0	15-Abr	
ISE100	52 825,0	54 839,5	3,8	48 739,4	-7,7	25-Fev	59 330,3	12,3	14-Abr	
Hang Seng	21 872,5	20 129,0	-8,0	18 985,5	-13,2	25-Mai	22 416,7	2,5	06-Jan	
MERVAL	2 320,7	2 185,0	-5,8	2 061,1	-11,2	26-Mai	2 487,8	7,2	09-Abr	
BOVESPA	68 588,4	60 935,9	-11,2	58 192,1	-15,2	20-Mai	71 784,8	4,7	08-Abr	
Outros										
Nikkei225	10 546,4	9 382,6	-11,0	9 382,6	-11,0	30-Jun	11 339,3	7,5	05-Abr	
FTSE100	5 412,9	4 916,9	-9,2	4 914,2	-9,2	29-Jun	5 825,0	7,6	15-Abr	
MSCI World	832,5	764,8	-8,1	764,8	-8,1	30-Jun	893,0	7,3	15-Abr	

* Face a 31 de Dezembro de 2009, em %

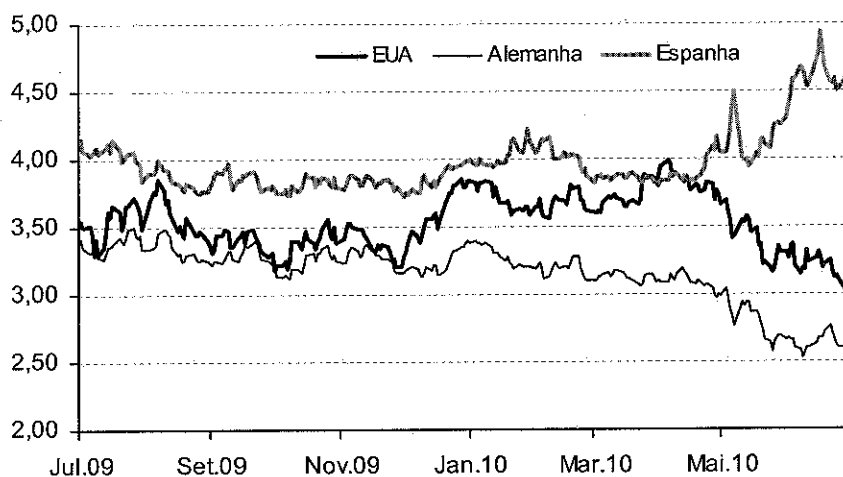
Fonte: Reuters EcoWin e; GESE

Nos EUA, os índices Dow Jones Industrial Average e Nasdaq Composite desvalorizaram 6,3% e 7,0%, respectivamente. Na Europa, as quebras foram em geral mais acentuadas, em particular nos países do Sul, cabendo a excepção a este cenário ao índice alemão DAX30, com uma valorização de 0,1%. O índice francês CAC40 e o londrino FTSE100 registaram desvalorizações de, respectivamente, 12,5% e 9,2%, enquanto que os índices representativos das praças do Sul da Europa, designadamente da Grécia, da Espanha, da Itália e de Portugal, registaram quebras que oscilaram entre 34,7% no caso do índice grego Athex e 16,5% no caso do PSI20. O índice das 50 maiores capitalizações bolsistas da zona euro, EUROSTOXX50, desvalorizou 7,6% no semestre.

Mercado obrigacionista

Os mercados de taxa fixa contabilizaram mais um semestre de elevada volatilidade, marcado pelo ressurgimento do movimento de procura de segurança e qualidade, em especial desde meados de Abril, na medida em que se avolumaram os receios quanto à sustentabilidade das finanças públicas de alguns países da periferia da zona euro e se deteriorou o cenário de crescimento para o segundo semestre do ano.

Evolução da taxa de rentabilidade das obrigações a 10 anos (em %)

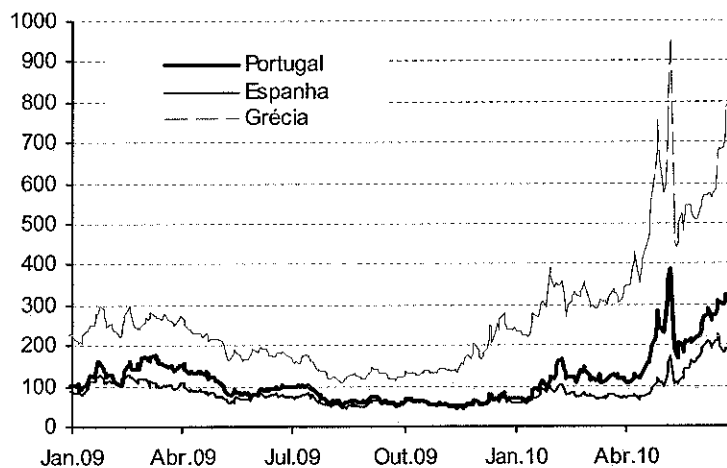


Fonte: Reuters EcoWin

A descida das taxas de juro de longo prazo foi particularmente vincada na Alemanha, situação que decorre do seu estatuto de refúgio, bem como da persistência de dúvidas quanto à sustentação da recuperação em curso. A taxa de rentabilidade do Bund alemão a 10 anos iniciou o ano em 3,388% e encerrou o semestre em 2,575%, após um mínimo de fecho de 2,528% no dia 6 de Junho.

De entre os países da zona euro, Irlanda, Portugal, Espanha e Itália foram os mais penalizados pelos receios de contágio da crise grega. No dia 7 de Maio, os diferenciais de taxa de juro de longo prazo registaram máximos históricos e a volatilidade nos mercados obrigacionistas aumentou acentuadamente, em resultado da intensificação do processo de procura de segurança e qualidade, com virtual paralisação das transacções dos títulos de dívida soberana de vários Estados-Membros da zona euro. Refira-se que, apesar da disfunção do mercado secundário, países como Portugal e Espanha continuaram a ter sucesso nas colocações em mercado primário, isto é com a procura a exceder a oferta, pese embora com taxas mais elevadas do que as praticadas uns meses atrás.

Prémios de risco face à Alemanha (em pontos base)



Fonte: Reuters EcoWin

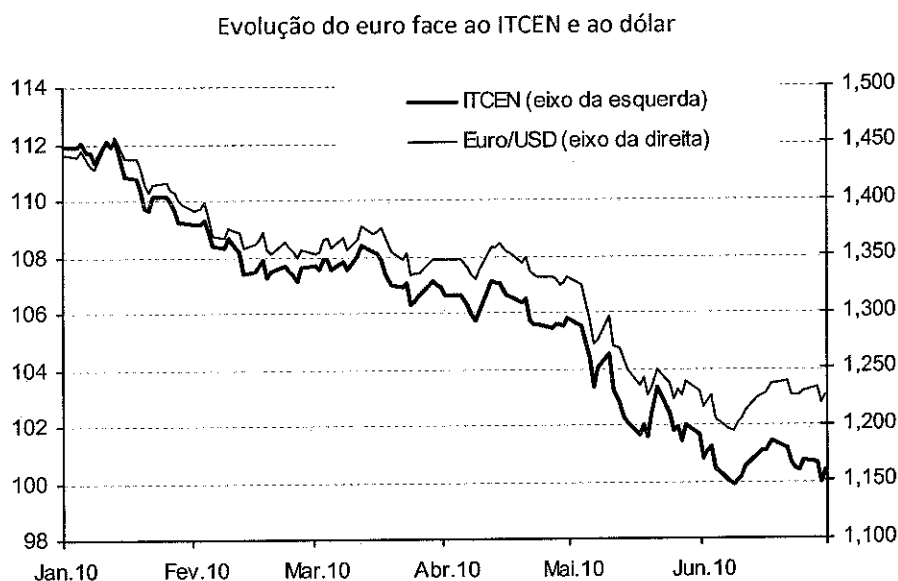
A acalmia, parcial, só aconteceu quando o BCE iniciou em Maio um inédito programa de compra de dívida pública em mercado secundário, algo que até agora tinha sempre recusado. O “Programa dos Mercados de Títulos de Dívida” (SMP), anunciado pelo Conselho do BCE em 10 de Maio, foi criado com o intuito de assegurar a profundidade e a liquidez dos segmentos dos mercados de títulos de dívida com distúrbios de funcionamento e restabelecer o funcionamento apropriado do mecanismo de transmissão de política monetária. As aquisições de títulos, ao abrigo do SMP, são esterilizadas através de operações ocasionais de regularização em depósitos a prazo fixo, pelo que não alteram a orientação da política monetária.

Nos EUA, as taxas de juro de longo prazo registaram uma tendência mista, com a estabilidade relativa dos primeiros quatro meses a contrastar com a tendência descendente observada desde Maio. Se nos primeiros meses as taxas estabilizaram (ou mesmo subiram ligeiramente) com o cenário de consolidação da expansão em curso, as mesmas começaram a cair acentuadamente em Maio, reflectindo os efeitos conjugados do movimento de procura de segurança e qualidade com a deterioração das perspectivas de crescimento para o segundo semestre, findos os “esteróides” fiscais.

A taxa de rentabilidade dos “treasuries” norte-americanos a 10 anos atingiu assim o máximo de fecho do ano de 3,988%, a 5 de Abril, tendo caído posteriormente cerca de 1 ponto percentual para fechar o semestre em 2,936%.

Mercado cambial

A evolução do mercado cambial foi pautada pela depreciação do euro face à maioria das divisas de referência, como consequência da perda de credibilidade do projecto da moeda única, em face da situação orçamental das economias periféricas da área do euro, em geral, e da Grécia, em particular.



Nota: Uma subida (descida) representa apreciação (depreciação) do euro

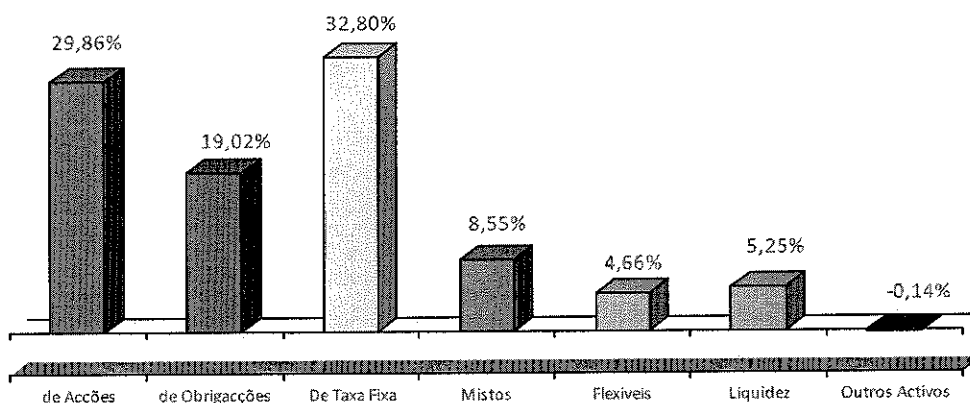
Fonte: Reuters EcoWin

Em termos globais, o euro fechou o semestre com uma depreciação de 10,3% face ao conjunto dos seus principais parceiros comerciais, medida pela variação do índice de taxa de câmbio efectiva nominal (EER-21). Das divisas de referência destacam-se, pela sua importância, as depreciações de 14,8% face ao dólar, de 18,7% face ao yene, de 11,1% face ao franco suíço e de 7,6% face à libra esterlina.

Destaque-se também, pela sua importância político-económica, o anúncio de flexibilização do câmbio do yuan renmimbi por parte do banco central chinês, no dia 20 de Junho, após ter mantido durante cerca de 23 meses o muito contestado “peg” ao dólar. Nos poucos dias que decorreram desde o anúncio desta medida, o yuan valorizou-se 0,7% face ao dólar (fixing da Reserva Federal norte-americana) e 1,5% face ao euro (fixing do BCE). No semestre, a moeda europeia desvalorizou-se 15,4% face ao yuan.

4 - Fundo

Estrutura da Carteira por tipo de Fundos e outros activos



A rentabilidade efectiva do Finifundo Moderado no 1º semestre de 2010 foi negativa em 0,93%.

O Finifundo Conservador era composto, no dia 30 de Junho de 2010, por 55,35% de fundos geridos pela Finivalor, 39,54% de fundos geridos pela Schrodgers e 5,11% de liquidez.

O valor global líquido do fundo em 30 de Junho de 2010 era de 9.460.066 euros, correspondente a 1.931.158 Unidades de Participação.

O valor da Unidade de Participação em 30 de Junho de 2010 era de 4.8986 euros. O número de participantes do fundo em 30 de Junho de 2010 era de 412.

No que diz respeito a comissões, o fundo gerou 21.121 euros assim distribuídos:

Comissão de Gestão	19.201 euros
Comissão de Depositário	1.920 euros

Prazos	1 Ano	2 Anos	3 Anos	5 Anos	Classe de Risco
Rendibilidades	8,11%	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.

(Rendibilidades anualizadas)

Fonte: APFIPP

“As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura, porque o valor das unidades de participação pode aumentar ou diminuir em função do nível de risco que varia entre 1 (risco mínimo) e 6 (risco máximo).”

“Esta rendibilidade apenas seria obtida se o investimento fosse efectuado durante a totalidade do período de referência.”

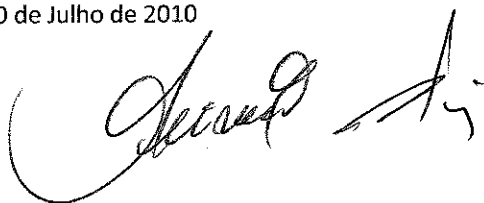
Perspectivas de negócio

“O Finifundo Moderado pertence a um Agrupamento de Fundos que foi lançado há pouco mais de um ano, tendo portanto enfrentado todas as convulsões resultantes da crise mundial.

Não é pois de estranhar que o fundo não tenha conseguido captar muitos Clientes, mas para o 2º semestre, uma das principais apostas da Finivalor, será dinamizar os fundos que constituem o Agrupamento de Fundos.”

Como afirmamos no Relatório do 1º semestre de 2009, o Agrupamento de Fundos era uma das principais apostas da Finivalor. Apesar de toda a envolvente desfavorável, o crescimento do Finifundo Moderado foi assinalável e esperamos que assim continue no 2º semestre.

Lisboa, 30 de Julho de 2010



FINFUNDO MODERADO - FUNDO DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO ABERTO DE FUNDOS MISTO
 FINVALOR - SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS MOBILIÁRIOS,SA

Av. Berna,10
 1050-040 Lisboa
 Matrícula nº 503 809 810,CRC de Lisboa
 Capital Social: 1.550.000 EUR
 Número Contribuinte: 503 809 810

BALANÇO EM 30 DE JUNHO DE 2010

(valores em euros)

CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	ATIVOS				CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	PASSIVOS	
		PERÍODO N		LÍQUIDO	PERÍODO N-1			LÍQUIDO	LÍQUIDO
		BRUTO	MV						
21	CARTEIRA DE TÍTULOS					61	CAPITAL DO OIC	9.655.790	7.049.575
22	OBRIGAÇÕES					62	UNIDADES DE PARTICIPAÇÃO	92.054	85.666
23	ACÇÕES					64	VARIAÇÕES PATRIMONIAIS	-166.466	-701.315
24	OUTROS TÍTULOS DE CAPITAL	9.301.986	127.463	453.369	6.727.979	66	RESULTADOS TRANSITADOS		
25	UNIDADES DE PARTICIPAÇÃO						RESULTADOS DISTRIBUÍDOS		
26	DIREITOS						Resultado Líquido do Exercício	-121.312	534.849
	OUTROS INSTRUMENTOS DE DÍVIDA	9.301.986	127.463	453.369	6.727.979		TOTAL DO CAPITAL DO OIC	9.460.066	6.968.775
	TOTAL DA CARTEIRA DE TÍTULOS								
31	OUTROS ACTIVOS					48	PROVISÕES ACUMULADAS		
	OUTROS ACTIVOS					481	Provisões para Encargos		
	TOTAL DE OUTROS ACTIVOS						TOTAL DE PROVISÕES ACUMULADAS		
411+...+418	TERCEIROS					421	TERCEIROS		
	Contas de Devedores					422	Resgates a Pagar aos Participantes	7.638	24.220
	TOTAL DOS VALORES A RECEBER					423	Rendimentos a Pagar aos Participantes		
11	DISPONIBILIDADES					424+	Comissões a Pagar	4.097	3.294
12	CAIXA	486.786			308.772	43+12	Outras Contas de Credores		39.797
13	DEPÓSITOS A PRAZO E COM PRÉ-AVISO						Empréstimos Obtidos	11.735	67.311
14	CERTIFICADOS DE DEPÓSITO						TOTAL DOS VALORES A PAGAR		
18	OUTROS MEIOS MONETÁRIOS						ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS		
	TOTAL DAS DISPONIBILIDADES	486.786			308.772	55	ACRÉSCIMOS DE CUSTOS		
51	ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS					56	RECEITAS COM PROVEITO DIFERIDO	1.145	735
52	DESPESAS COM CUSTO DIFERIDO	79			88	58	OUTROS ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS		
58	OUTROS ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS					59	CONTAS TRANSITÓRIAS PASSIVAS		
59	CONTAS TRANSITÓRIAS ACTIVAS						TOTAL DE ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS PASSIVOS	1.145	18
	TOTAL DE ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS ACTIVAS	79			88				
	TOTAL DO ACTIVO	9.798.852	127.463	453.369	7.036.839		TOTAL DO CAPITAL E PASSIVO	9.472.946	7.036.839
	Número total de unidades de participação em circulação:				1.409.915		Valor Unitário da Unidade de Participação	4.8986	4.9427



FINFUNDO MODERADO - FUNDO DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO ABERTO DE FUNDOS MISTO
 FINIVALOR - SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS MOBILIÁRIOS, SA

Av. Berna, 10
 1050-040 Lisboa
 Matrícula n.º 503 809 810, CRC de Lisboa
 Capital Social 1.550.000 EUR
 Número Contribuinte: 503 809 810

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS EM 30 DE JUNHO DE 2010

(VALORES EM EUROS)

CODIGO	CUSTOS E PERDAS	PERIODO N	PERIODO N-1	CODIGO	PROVEITOS E GANHOS	PERIODO N	PERIODO N-1
711+...+718 719	CUSTOS E PERDAS CORRENTES: JUROS E CUSTOS EQUIPARADOS: De Operações Correntes De Operações Extrapatrimoniais COMISSÕES E TAXAS			812+813 811+814+817+818 819	PROVEITOS E GANHOS CORRENTES: JUROS E PROVEITOS EQUIPARADOS: Da carteira de Títulos e Outros Activos Outros, de Operações Correntes De operações extrapatrimoniais	462	439
722+723 724+...+728 729	Da Carteira de Títulos e Outros Activos Outras, de Operações Correntes De Operações Extrapatrimoniais	21.884	8.887	822+...+824/5 829	RENDIMENTO DE TITULOS E OUTROS ACTIVOS Da carteira de Títulos e Outros Activos De Operações Extrapatrimoniais	12.034	0
732+733 731+738 739	PERDAS EM OPERAÇÕES FINANCEIRAS Na Carteira de Títulos e outros Activos Outras, em Operações Correntes Em Operações Extrapatrimoniais	764.691	196.688	832+833 831+838 839	GANHOS EM OPERAÇÕES FINANCEIRAS Na Carteira de Títulos e Outros Activos Outros, de Operações Correntes Em Operações Extrapatrimoniais	391.078	389.508
7411+7421 7412+7422 7418+7428 75 751 77	IMPOSTOS Impostos sobre o Rendimento Impostos Indirectos Outros Impostos PROVISÕES DO EXERCICIO Provisões para Encargos	2.380 1 1	742 1	851 86	REPOSIÇÃO E ANULAÇÃO DE PROVISÕES Provisões para encargos OUTROS PROVEITOS E GANHOS CORRENTES	265.215	
	TOTAL DOS CUSTOS E PERDAS CORRENTES (A)	1.145	1.083		TOTAL DOS PROVEITOS E GANHOS CORRENTES (B)	668.789	389.947
781 782 783 788	CUSTOS E PERDAS EVENTUAIS Valores Incobráveis Perdas Extraordinárias Perdas de Imputáveis a Exercícios Anteriores Outros Custos e Perdas Eventuais			881 882 883 888	PROVEITOS E GANHOS EVENTUAIS Recuperação de Incobráveis Ganhos Extraordinários Ganhos Imputáveis a Exercícios Anteriores Outros Proveitos e Ganhos Eventuais	0	9
63	TOTAL DOS CUSTOS E PERDAS EVENTUAIS (C)	0	0		TOTAL DOS PROVEITOS E GANHOS EVENTUAIS (D)	0	9
	IMPOSTOS SOBRE OS RENDIMENTOS DO EXERCICIO						
	RESULTADO LIQUIDO DO PERIODO(se >0)	0	178.533		RESULTADO LIQUIDO DO PERIODO(se< 0)	121.312	0
	TOTAL	790.101	389.956		TOTAL	790.101	389.956
(8x2/3/4/5)-(7x2/3) 8x9-7x9 B-A	Resultados da Carteira de Títulos e Outros Activos Resultados das Operações Extrapatrimoniais Resultados Correntes	-361.579 265.215 -121.312	192.810 -4.012 178.524	D-C B+D-A-C+74 B+D-A-C	Resultados Eventuais Resultados Antes de Imposto s/ o Rendimento Resultados Líquidos do Período	0 -118.931 -121.312	9 179.276 178.533

FINFUNDO MODERADO - FUNDO DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO ABERTO DE FUNDOS MISTO
 FINIVALOR - SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS MOBILIÁRIOS,SA

Av. Berna,10

1050-040 Lisboa

Matricula n° 503 809 810,CRC de Lisboa

Capital Social 1.550.000 EUR

Número Contribuinte: 503 809 810

Data: 30/06/2010

		CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS					
		DIREITOS SOBRE TERCEIROS		RESPONSABILIDADES PERANTE TERCEIROS			
CODIGO	DESIGNAÇÃO	PERÍODOS		CODIGO	DESIGNAÇÃO	PERÍODOS	
		PERÍODO N	PERÍODO N-1			PERÍODO N	PERÍODO N-1
911	OPERAÇÕES CAMBIAIS						
912	À Vista						
913	A prazo (Forwards cambiais)						
914	Swaps cambiais						
915	Opções						
	Futuros						
	TOTAL	0	0		TOTAL	0	0
921	OPERAÇÕES SOBRE TAXAS DE JURO						
922	Contratos a prazo (FRA)						
923	Swap de taxa de juro						
924	Contratos de garantia de taxa de juro						
925	Opções						
	Futuros						
	TOTAL	0	0		TOTAL	0	0
934	OPERAÇÕES SOBRE COTAÇÕES						
935	Opções						
	Futuros						
	TOTAL	0	0		TOTAL	0	0
942	COMPROMISSOS COM TERCEIROS						
944	Operações a prazo (reporte de valores)						
945	Valores recebidos em garantia						
	Empréstimo de títulos						
	TOTAL	0	0		TOTAL	0	0
	TOTAL DOS DIREITOS	0	0		TOTAL DAS RESPONSABILIDADES	0	0
99	CONTAS DE CONTRAPARTIDA	0	0	99	CONTAS DE CONTRAPARTIDA	0	0

Finifundo MODERADO - Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Misto

DEMONSTRAÇÃO DE FLUXOS DE CAIXA EM 30 DE JUNHO DE 2010

(valores em Euro)

DISCRIMINAÇÃO DOS FLUXOS	30-06-2010		31-12-2009	
OPERAÇÕES SOBRE AS UNIDADES DO OIC				
<i>RECEBIMENTOS:</i>				
Subscrição de unidades de participação	4.198.416		4.567.965	
...		4.198.416		4.567.965
<i>PAGAMENTOS:</i>				
Resgates de unidades de participação	1.602.395		870.991	
Rendimentos pagos aos participantes				
...		1.602.395		870.991
Fluxo das operações sobre as unidades do OIC		2.596.021		3.696.974
OPERAÇÕES DA CARTEIRA DE TÍTULOS E OUTROS ACTIVOS				
<i>RECEBIMENTOS:</i>				
Venda de títulos e outros activos				
Reembolso de títulos e outros activos				
Resgates de unidades de participação noutros OIC	601.783		700.996	
Rendimento de títulos e outros activos	0		43.520	
Juros e proveitos similares recebidos				
Vendas de títulos com acordo de recompra				
...				
Outros recebimentos relacionados com a carteira		601.783		744.516
<i>PAGAMENTOS:</i>				
Compra de títulos				
Subscrição de unidades de participação noutros OIC	3.005.532		4.250.268	
Juros e custos similares pagos				
Vendas de títulos com acordo de recompra				
Comissões de Bolsa suportadas				
Comissões de corretagem				
Outras taxas e comissões				
.....				
Outros pagamentos relacionados com a carteira		3.005.532		4.250.268
Fluxo das operações da carteira de títulos e outros activos		-2.403.749		-3.505.752
OPERAÇÕES A PRAZO E DE DIVISAS				
<i>RECEBIMENTOS:</i>				
Juros e proveitos similares recebidos				
Recebimentos em operações cambiais	674.858		945.303	
Recebimentos em operações de taxa de juro				
Recebimentos em operações sobre cotações				
Margem inicial em contratos futuros				
Comissões em contratos de opções				
Outras comissões				
...				
Outros recebimentos op.a prazo e de divisas		674.858		945.303
<i>PAGAMENTOS:</i>				
Juros e custos similares pagos				
Pagamentos em operações cambiais	670.127		929.427	
Pagamentos em operações de taxa de juro				
Pagamentos em operações sobre cotações				
Margem inicial em contratos de futuros				
Comissões em contratos de opções				
...				
Outros pagamentos op.a prazo e de divisas		670.127		929.427
Fluxo das operações a prazo e de divisas		4.731		15.876

Finifundo MODERADO - Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Misto

DEMONSTRAÇÃO DE FLUXOS DE CAIXA EM 30 DE JUNHO DE 2010

DISCRIMINAÇÃO DOS FLUXOS	30-06-2010		31-12-2009	
OPERAÇÕES GESTÃO CORRENTE				
<i>RECEBIMENTOS:</i>				
Cobranças de crédito vencido			695	
Compras com acordo de revenda				
Juros de depósitos bancários	379			
Vencimento de Depósitos a Prazo				
Outros recebimentos correntes	12.449		15	
		12.828		710
<i>PAGAMENTOS:</i>				
Comissão de gestão	18.494		17.721	
Comissão de depósito	1.849		1.772	
Compras de Depósitos a Prazo				
J. Devedores	0		0	
Compras com acordo de revenda				
Impostos e taxas	616		1.215	
Outros pagamentos correntes	857		4.837	
		21.817		25.544
Fluxo das operações de gestão corrente		-8.988		-24.834
OPERAÇÕES EVENTUAIS				
<i>RECEBIMENTOS:</i>				
Ganhos extraordinários				
Ganhos imputáveis a exercícios anteriores				
Recuperação de incobráveis				
.....				
Outros recebimentos de operações eventuais				
<i>PAGAMENTOS:</i>				
Perdas extraordinárias				
Perdas imputáveis a exercícios anteriores				
Outros pagamentos de operações eventuais				
Fluxo das operações eventuais		0		0
Saldo dos fluxos monetários do período...(A)		188.014		182.264
Disponibilidades no início do período.....(B)		308.772		126.508
Disponibilidades no fim do período....(C) = (B)+-(A)		496.786		308.772



Finifundo Moderado
Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Fundos Misto

ANEXO ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Em conformidade com o disposto no Regulamento nº 16/03 da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários, discriminam-se, no presente Anexo, as informações complementares às Demonstrações Financeiras a 30 de Junho de 2010.

As notas que se seguem estão expressas em Euros e respeitam a ordem que preconiza o P.C.O.I.C. para o Anexo às Demonstrações Financeiras.

As notas 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13 e 14 não são aplicáveis ou não têm expressão, pelo que foram omitidas.

NOTA 1

CAPITAL DO FUNDO

O Património do Fundo é constituído por unidades de participação, desmaterializadas em regime de co-propriedade, aberto aos participantes titulares de cada uma das unidades, com um valor inicial de subscrição de mil escudos cada, correspondente a 5 Euros à data de início do fundo. O valor da unidade de participação para efeitos de subscrição, é o valor do dia do dia seguinte ao pedido. O preço de reembolso tem subjacente o mesmo cálculo, tendo como base o valor do património líquido do Fundo, do dia seguinte ao do pedido de reembolso.

Descrição	Em 1/01/2010	Subscrições	Resgates	Dist.Result	Outros	Res.Periodo	Em 30/06/2010
Valor base	7.049.575	4.207.080	1.600.865				9.655.790
Diferença p/valor base	85.666	-8.664	-15.052				92.054
Resultados distribuidos	0						0
Resultados acumulados	-701.315				534.849		-166.466
Resultados do período	534.849				-534.849	-121.312	-121.312
SOMA	6.968.775	4.198.416	1.585.813	0	0	-121.312	9.460.066
Nº unidades participação	1.409.915	841.416	320.173				1.931.158
Valor unidade participação	4,9427	4,9897	4,9530				4,8986

NÚMERO DE PARTICIPANTES POR ESCALÃO (30 Junho 2010)

ESCALÕES	Nº
UPS > 25%	0
10% < UPS < 25%	0
5% < UPS < 10%	1
2% < UPS < 5%	3
0,5% < UPS < 2%	56
UPS < 0,5%	352

EVOLUÇÃO DO OIC

(Valores em Euro)

	VLGF	VALOR DA UP	Nº de U.Ps em Circulação
2010			
Março	7.481.590	5,0723	1.474.983
Junho	9.460.066	4,8986	1.931.158
2009			
Março	2.858.110	4,2149	678.100
Junho	3.119.435	4,5310	688.469
2008			
Março	2.505.189	4,8968	511.602
Junho	5.239.244	4,7963	1.092.343



NOTA 3

INVENTÁRIO DA CARTEIRA DE TÍTULOS

Descrição dos títulos	Preço de aquisição	Mais Valias	Menos valias	Valor da carteira	Juros corridos	SOMA
3. UPS DE ORGANISMOS INVEST. COLECTIVO(OIC)						
3.1-OIC domiciliados em Portugal						
3.1.1- UP'S de OIC abertos						
Finicapital	761.599		118.349	643.250		643.250
Finirendimento	1.631.054		57.518	1.573.536		1.573.536
Finiglobal	863.193		54.381	808.812		808.812
Finif.Merc.Emergentes	425.600	15.486		441.086		441.086
Fin. Acç- Internacionais	1.053.801		156.541	897.260		897.260
Finifundo Taxa Fixa	860.594	11.405		871.999		871.999
Sub-Total:	5.595.841	26.891	386.789	5.235.943		5.235.943
3.2-OIC domiciliados num Estado-membro da EU						
3.2.1- UP'S de OIC harmonizados						
Emerging Market Debt	446.029	20.926		466.955	0	466.955
Euro Short Term Bond	221.935	3.940		225.875	0	225.875
Global Energy	270.805		13.043	257.762		257.762
Strategic Bond	448.206	27.061		475.267	0	475.267
US Large Cap	711.975		52.392	659.583		659.583
Corporate Bond	639.405	48.135		687.540		687.540
Global Credit Durat	600.145	510		600.655	0	600.655
European Equity Alpha	367.645		1.145	366.500		366.500
Sub-Total:	3.706.145	100.572	66.580	3.740.137	0	3.740.137
TOTAL	9.301.986	127.463	453.369	8.976.080	0	8.976.080

LIQUIDEZ DO OIC

Contas	Saldo inicial	Aumentos	Reduções	Saldo final
Numerário				
Depósitos à ordem	308.772			496.786
Depósitos a prazo e com pré-aviso				
Certificados de depósito				
Bilhetes do tesouro com carácter liquidez				
Outras contas de disponibilidades				
TOTAL	308.772	0	0	496.786

NOTA 4

VALORIZAÇÃO DE ACTIVOS E INSTRUMENTOS FINANCEIROS COTADOS

O valor da unidade de participação é calculado diariamente de acordo com critérios contabilísticos e financeiros geralmente aceites no momento de referência (17.00hrs).

As unidades de participação são valorizadas ao último valor conhecido e divulgado pela entidade gestora no momento da valorização. Caso essas unidades de participação se encontrem admitidas à negociação e o preço seja considerado representativo a Sociedade Gestora opta pelo preço de fecho ou de referência desse mercado e, o valor a considerar será o último preço verificado nesse mercado no momento de referência (17h).

VALORIZAÇÃO DE ACTIVOS E INSTRUMENTOS FINANCEIROS NÃO COTADOS

Relativamente aos critérios de valorização de activos e instrumentos derivados não cotados, a entidade gestora adopta o critério que tem por base o valor das ofertas de compra firmes ou, na impossibilidade da sua obtenção, o valor médio das ofertas de compra e venda, difundidas através de entidades especializadas.

Na impossibilidade da recolha dos respectivos preços, a entidade gestora recorre aos modelos de avaliação universalmente utilizados e reconhecidos nos Mercados Financeiros, assegurando-se que os pressupostos utilizados na avaliação têm aderência a valores de mercado.

NOTA 11

EXPOSIÇÃO AO RISCO CAMBIAL

Este quadro expressa a posição cambial aberta no OIC, explicitando os instrumentos de cobertura utilizados.

POSIÇÃO CAMBIAL							
MOEDAS	À VISTA	A PRAZO				TOTAL A PRAZO	POSIÇÃO GLOBAL (1)
		FUTUROS	FORWARDS	SWAPS	OPÇÕES		
USD	2.282.815					0	2.282.815
Contravalor Euro	1.860.333					0	1.860.333

(1) É constituída pela soma aritmética das posições cambiais à vista, a prazo e em opções

NOTA 15

CUSTOS IMPUTADOS AO OIC NO EXERCÍCIO:

TABELA DE CUSTOS

(Valores em Euros)

CUSTOS	VALOR	% VLGF (1)
Comissão de Gestão		0,00%
Componente Fixa	19.201	0,25%
Componente Variável	0	0,00%
Comissão de Depósito	1.920	0,02%
Taxa de Supervisão	642	0,01%
Custos de Auditoria	1.145	0,04%
Outros Custos	0	0,00%
TOTAL	22.908	0,32%

(1) Média relativa ao período de referência